



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira
130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana**

ANO 2019

DEZEMBRO

Nº 338

ESPÁRTACO CONTRA ROMA

- AVENTURAS NA HISTÓRIA - *Jhonata Alves*

Em Cápua, 74 gladiadores fugiram munidos de facas de cozinha. Poucos anos depois, eles se transformaram no pior pesadelo da República romana. Por que se tornaram tão poderosos em tão pouco tempo?



Montagem com estátua de Espártaco no Louvre Foto:Wikimedia Commons

Roma estava alarmada em 72 a.C. A poderosa metrópole de 1 milhão de habitantes, que esmagava exércitos inimigos por toda a costa do Mediterrâneo, não sabia como deter uma simples revolta de escravos. O núcleo da rebelião era formado por 74 prisioneiros que haviam fugido de uma escola de

gladiadores (ludus) em Cápua, no sul da Itália. E em dois anos o bando se agigantou: agora já eram uns 60 mil escravos que espalhavam o terror na península. Os revoltosos impunham derrotas humilhantes às legiões romanas, armados com espadas, lanças, adagas, arados e o que mais pilhavam pelo caminho. O líder da turba era um mestre das táticas de guerrilha,

que exibia um capacete de bronze como todo gladiador de sua categoria. Seu nome: Espártaco.

Aquela não foi a única e nem mesmo a mais longa revolta de escravos da Antiguidade. Mas sem dúvida foi a mais famosa. Hoje, 2 mil anos depois, Espártaco sobrevive na cultura popular como símbolo da luta contra a opressão. Nisso ele se parece com Che Guevara - um nome que todo mundo conhece, mas que poucos realmente sabem quem foi. O fascínio

De soldado a gladiador

"Espártaco continua sendo um enigma. Não deixou nada registrado, e seus seguidores tampouco escreveram alguma coisa", diz o historiador americano Barry Strauss no livro *The Spartacus War* ("A Guerra de Espártaco"). As narrativas sobre ele vêm de autores gregos e romanos que deram o ponto de vista dos nobres, não dos escravos. Gente como Plutarco (c.46-120), Apiano (c.95-165) e Floro (c.74-130), cujos relatos são curtos e escritos mais de 200 anos após a revolta. "Mesmo assim, os documentos não deixam dúvida: Espártaco era real", afirma Strauss.

O termo latim *Spartacus* vem do grego *Sparadakos* (Σπάρτακος), algo como "Famoso por sua espada". As fontes concordam que nosso herói era um trácio - oriundo da Trácia, que hoje corresponderia a partes da Bulgária, Grécia e Turquia. Segundo Apiano, ele serviu no exército romano, virou prisioneiro e depois escravo. Já Floro diz que Espártaco era um soldado que desertou, tornou-se bandido e foi então vendido como gladiador. Em geral, gladiadores eram escravos que haviam cometido crimes. Ser enviado a uma *ludus*, portanto, era uma punição comum para um cativo. Mas Plutarco diz que Espártaco foi enviado à escola de Cápua sem ter cometido crime algum - o que teria motivado ainda mais sua revolta.

"A ideia de que Espártaco serviu no exército de Roma pode indicar uma tentativa romana de explicar por que foi tão bem-sucedido. Afinal, ele teria aprendido com as tropas suas técnicas militares", diz a historiadora Theresa Urbainczyk, professora de história clássica

pelo gladiador rebelde tem crescido desde o filme *Spartacus* (1960), dirigido por Stanley Kubrick e estrelado por Kirk Douglas, mas sua fama já vinha de antes. Voltaire, um dos expoentes do Iluminismo, escreveu numa carta em 1769 que sua rebelião era "uma guerra justa, de fato a única guerra justa da história".

Quem foi Espártaco? Por que ficou tão conhecido quanto Júlio César, embora não saibamos nem ao menos seu verdadeiro nome?

na University College Dublin, na Irlanda. "Mas eu diria que, se ele de fato combateu nas fileiras romanas, então Roma saberia como derrotá-lo. Foram seus planos pouco convencionais que, em boa parte, levaram ao seu sucesso."

Seja como for, o fato é que em 73 a.C. Espártaco vivia confinado na *ludus* de Cápua, a 16 km de Nápoles. E como todo gladiador, ele pertencia ao estrato mais baixo da sociedade - comparável ao das prostitutas. "Gladiador era sinônimo de sexo, violência e morte na Roma antiga", diz Urbainczyk, lembrando que em latim *gladius* significava tanto "pênis" quanto a espada curta que esses guerreiros usavam. Os combates no anfiteatro tinham um valor simbólico: representavam a consolidação do poder romano sobre as demais nações e a natureza.

Leões, elefantes e outras feras faziam parte da exibição dos gladiadores, onde brutalmente seminus morriam para o regozijo da multidão alvoroçada. Alguns poucos se tornavam bem populares, tal qual um Messi da época. Podiam até mesmo ganhar um belo dinheiro, mas sua condição social continuava ultrajante. Arriscavam a vida em cada embate para que o público se divertisse. E não passavam de escravos como qualquer outro. Assim, ao treinar e capacitar esses combatentes sanguíneos, sem vínculos com a sociedade, Roma acabou fazendo-lhes um favor. Espártaco e seus companheiros aprenderam em Cápua as melhores técnicas para o manejo de armas. E naquele 73 a.C., eles decidiram que era hora de lutar pela própria liberdade.

Facas de cozinha

Lentulus Batiatus quase desmaiou ao saber da notícia. Ela era o dono da escola de Cápua e não podia acreditar que seus 74 gladiadores haviam escapado da *ludus* munidos apenas de facas e espetos de cozinha. "Talvez o plano original fosse mais elaborado, já que utensílios domésticos não pareciam adequados para enfrentar os soldados que vigiavam esses lutadores profissionais", diz Urbainczyk. "Mas a sorte estava do lado rebelde." Uma vez fora da escola, os insurgentes confiscaram uma carroça cheia de escudos, espadas e armaduras e se dirigiram ao sul, rumo ao vulcão Vesúvio - que estava calmo naquele ano (só entraria em erupção em 79, dizimando Herculano e Pompeia). Acamparam num platô da cadeia montanhosa, a 1 100 metros de altitude, e ali escolheram três líderes: Espártaco (o principal), Crixus e Oenomaus. Segundo Plutarco, o grupo era formado

A Revolta

A revolta cresceu nos meses seguintes. Espártaco libertou escravos rurais do sul da Itália, e até mesmo homens livres se uniram ao bando. Os rebeldes se equipavam com adagas e punhais que roubavam de viajantes e pilhavam as provisões dos latifúndios que invadiam. "O que começou como um motim de 74 homens armados com espeto e cutelos se transformou numa revolta de milhares. Um ano depois, a força contaria com cerca de 60 mil soldados rebeldes", diz Strauss. Era gente à beça. Segundo o autor, a tropa rebelde equivalia a 4% da população de escravos da Itália (1,5 milhão). "Para ter uma ideia, a rebelião de Nat Turner nos EUA, em 1831, só reuniu 200 dos 4 milhões de escravos americanos (ou 0,005%)", afirma.

Além das técnicas de gladiador e da provável experiência no exército romano, Espártaco levava consigo a herança da Trácia,

Fugitivo ou revolucionário?

Revoltas de escravos não eram novidade na Itália, mas costumavam ser pequenas e restritas. As duas anteriores que

sobretudo por gauleses, trácios e germanos - todos "bárbaros" aos olhos de Roma. E ali mesmo no Vesúvio eles derrotaram os soldados que chegaram de Cápua para detê-los, apoderando-se de suas armas.

Roma então colocou o pretor (magistrado) Gaio Claudio Glabro com 3 mil soldados no encalço dos rebeldes. Gaio montou guarda ao pé do Vesúvio, esperando rendê-los quando descessem para buscar água e comida. Mas eles baixaram rapidamente por uma encosta coberta de vinhedos e surpreenderam os romanos pela retaguarda, botando-os para correr. Espártaco também usou ataques-surpresa para fustigar as tropas de outro pretor, Publius Varinius, que teve o cavalo capturado e quase não saiu vivo da missão. Com a vitória sobre Varinius, a fama de Espártaco ecoou por toda a Itália.

onde a guerra era a profissão mais honrada para um homem. Os trácios eram ases da cavalaria e da guerra de guerrilhas: usavam armaduras leves e praticavam táticas de "ataque e fuga", que deixavam o pesado exército romano vulnerável. Roma se limitava à estratégia de contrainsurgência. Tentava localizar, isolar e erradicar um inimigo que evitava confrontos diretos e preferia emboscadas.

"As antigas fontes descrevem Espártaco como um homem de paixão, sedento de liberdade e vingança. No entanto, suas ações contam uma história diferente: ele não era cabeça-quente, e sim um homem de emoções controladas", diz Strauss. "Era um político que tentava manter unida uma coalizão que todo o tempo ameaçava sair de seu controle." Mais: Espártaco sempre dividia a comida e as armas de maneira equitativa, o que contribuiu para sua enorme popularidade.

alcançaram a dimensão de guerras - por volta de 135-132 a.C. e 104-100 a.C. - haviam se limitado à Sicília. Mas desta vez era diferente: os

escravos guerreavam no coração da Itália continental e ameaçavam até mesmo atingir Roma. Além disso, eram liderados por gladiadores. Ok, mas qual era o real objetivo de Espártaco? Ele buscava acabar com a escravidão no Império Romano? Essa questão divide os especialistas. Segundo o arqueólogo americano Darius Arya, CEO do Instituto Americano para a Cultura Romana, Espártaco não queria mudar a sociedade da época. "Ele não foi um sujeito como Martin Luther King (líder do movimento pelos direitos civis dos negros nos EUA). Essencialmente, o que Espártaco queria era sair de Cápua e se ver livre do controle romano", diz Arya. "Mas também é certo que ele libertou muitos escravos, ficou famoso no sul da Itália e gerou medo entre os proprietários de terras."

Urbainczyk diz que nunca saberemos a real intenção de Espártaco. Portanto, seria apressado negar que ele desejava abolir a escravidão ou que fosse um revolucionário. "Ao analisar as rebeliões de escravos da Antiguidade, notamos que as visões das pessoas mudam à medida que lutam - elas começam a repensar sobre o que querem, mesmo que no início apenas desejem se vingar ou escapar. E não há nenhuma dúvida de que Espártaco conduziu uma revolta de escravos", afirma.

O trajeto dos rebeldes também intriga os estudiosos. Ao deixar o Vesúvio, eles rumaram para o sul da península, cruzaram para a costa leste e dali seguiram para o norte até os Alpes - um percurso de quase 500 km,

A hora da verdade

Depois de mais de dois anos de luta, o poder de Espártaco já representava uma grande ameaça à estabilidade de Roma. Suas tropas haviam derrotado os exércitos de dois pretores e dois cônsules com relativa facilidade. O grupo rebelde crescia a cada dia, atraía novos escravos e gerava temor dos Alpes até o sul da península. "Com medo, os proprietários de terra romanos estabeleceram uma antiga lei: se descobrissem que um escravo planejava matar a família que o possuía, dez outros escravos seriam mortos", diz Arya.

combatendo as forças romanas. Se Espártaco desejasse apenas se ver livre dos antigos amos, teria fugido da Itália. No entanto, após atingir os Alpes ele misteriosamente deu meia-volta. Passou perto de Roma sem atacá-la (se houve um plano, foi abortado) e assentou a tropa no sul do país.

Em toda essa jornada, o apoio das províncias italianas foi fundamental para o sucesso da guerrilha. Isso porque Roma inspirava um crescente ressentimento em todas elas. Como a metrópole não podia recrutar soldados romanos suficientes para suas expedições militares, geralmente recorria a tropas aliadas. Mas os italianos, embora deveriam prover soldados para lutar por Roma, não tinham voz nas decisões políticas nem desfrutavam de sua riqueza. "Os italianos ficaram felizes ao permitir que um inimigo de Roma passasse por seu território", diz Urbainczyk. "Isso ajuda a explicar por que o exército de Espártaco sobreviveu por tanto tempo."

A sociedade romana ficava numa sinuca de bico quando estourava uma rebelião de escravos, pois dependia deles para funcionar. Cada família estava rodeada de escravos em cada minuto do dia, às vezes dezenas deles. Guerras contra escravos eram diferentes: ao matá-los, os romanos destruíam sua própria riqueza e a perda era imensa. Talvez por isso Roma demorou tanto para reagir de forma contundente à revolta dos gladiadores comandados por Espártaco.

Como se não bastasse, Roma enfrentava duros combates nas fronteiras de seus domínios. Um deles era contra o rei Mitrídates VI, da Ásia Menor (atual Turquia), cujas tropas resistiam por 15 anos. Na Hispânia (Península Ibérica), o general romano Quintus Sertorius tinha trocado de lado e liderava um regime separatista com apoio dos habitantes locais. Ao mesmo tempo, nas costas da Ilha de Creta, no atual litoral grego, a marinha romana combatia piratas que saqueavam seus barcos. Roma derrotou todos esses desafios. Mas faltava dar cabo de Espártaco.

Assim, em 73 a.C., o Senado convocou o nobre Marcus Lissinius Crassus para esmagar de vez a revolta. Crassus reuniu 8 legiões romanas, quase 40 mil homens, e marchou para o sul da Itália. A missão começou mal: Crassus mandou o general Mummius com duas legiões para a retaguarda de Espártaco e ordenou que aguardasse novas ordens. Mas Mummius decidiu atacar e foi derrotado. Para evitar novas desobediências, Crassus impôs o método do decimatio: com a tropa dividida em grupos de dez, um homem era sorteado para ser espancado até a morte pelos outros nove. Foi uma punição brutal, mas depois dela Crassus começou a ganhar as batalhas e empurrou o bando de Espártaco até a região da Lucânia, bem ao sul da Itália. Ali, parte dos rebeldes desertou e foi atacado por Crassus, mas Espártaco veio em socorro e repeliu os romanos. No entanto, a derrota da rebelião era questão de tempo. O general estava decidido a desbaratar o grupo, pois tinha um motivo pessoal para isso: a concorrência com o general romano Pompeu, que estava com o prestígio em alta após sufocar o regime separatista de Sertorius na Hispânia. Crassus precisava derrotar o

Craques da arena

Esqueça os embates selvagens dos filmes de Hollywood. Os jogos dos gladiadores não eram um banho de sangue gratuito, e sim superproduções cuidadas nos mínimos detalhes, com direito a árbitros, aquecimento e fiscalização das armas. Pelo menos é o que afirma o historiador Alfredo Mañas, da Universidade de Granada, na Espanha, em seu recente livro *Gladiadores, el Gran Espectáculo de Roma*. Segundo Mañas, alguns gladiadores ganhavam fortunas - como Lionel Messi ou Mike Tyson. Os mais famosos raramente eram mortos em combate, mesmo que perdessem. "Seria como matar Messi por perder um jogo ou Tyson por cair no ringue", diz o historiador. Mañas também afirma que houve algumas mulheres gladiadoras. Ele concluiu isso ao analisar uma estátua de bronze de 2 mil anos que integra o acervo do Museu de Artes e Ofícios de Hamburgo, na Alemanha. A estátua retrata uma mulher de peito desnudo que segura um

gladiador antes que Pompeu retornasse à Itália, para não correr o risco de o general rival lhe roubar a vitória.

Acuado, Espártaco também aplicou métodos de punição. Segundo Apiano, ele crucificou um prisioneiro para mostrar a seus homens o destino que teriam se perdessem ou desobedecessem. Não há detalhes sobre os embates, mas sabemos que Crassus fez a tropa rebelde retroceder até o extremo sul da Itália, onde desferiu o golpe final. "Espártaco foi ferido, mas lutou até morrer. Tantos rebeldes foram mortos que não foi possível contar seus corpos", diz Urbainczyk. "Os romanos perderam cerca de mil homens - menos do que Crassus teria perdido se fizesse outro decimatio entre sua tropa."

Depois de Espártaco, os romanos tomaram precauções para evitar novas rebeliões desse tipo. Reforçaram medidas de segurança nas escolas de luta, por exemplo. Mas os gladiadores não saíram de cena. Ao contrário: na era imperial (27 a.C.-476 d.C.), os jogos se tornaram ainda mais exuberantes. Era preciso mostrar na arena que Roma ainda mantinha o maior poder militar da Terra.

artefato curvo. Como ela apanha o objeto com a mão levantada e olha para o chão, num típico gesto de vitória dos romanos, Mañas concluiu que não se trata de um artefato de higiene, e sim de uma arma - talvez uma sica usada por Espártaco.

A historiadora Theresa Urbainczyk concorda com Mañas, mas lembra que essas foram inovações feitas no período imperial, ou seja, a partir do ano 27. Sob o imperador, os escravos romanos podiam se tornar muito ricos e possuir escravos também. "A revolta de Espártaco ocorreu durante os anos 70 a.C., portanto ainda no final da República. E não há evidência de nenhum aspecto glamouroso dos gladiadores nessa época", diz ela. "Mesmo se usarmos a analogia dos jogadores de futebol hoje, há de fato alguns milionários como Messi, mas a imensa maioria dos atletas atuais levam uma vida sem riqueza e ostentação."

Thraex x Murmillo

Espártaco era provavelmente um gladiador da categoria *thraex* ("Trácio"), típica de homens ágeis que levavam armamento leve. Ele lutava descalço ou de sandália e com o peito descoberto, mostrando as tatuagens que trácios como ele (originários da Trácia, atual Bulgária) exibiam no corpo. Em geral, um *thraex* combatia um oponente de cada

vez, e de outra categoria. Os adversários mais comuns eram os *murmillos* - lutadores pesados que carregavam entre 16 e 18 kg de armas e apetrechos na arena. No combate entre esses gladiadores, o ruído que mais se ouvia era o dos escudos chocando-se entre si. Veja os principais equipamentos de cada um.

Thraex

- Espada curva (*sica*) com uma lâmina de até 45 cm.
- Capacete de bronze protegido com visor e adornado com um grifo (animal mitológico que aludia à divindade da Trácia).
- Uma espécie de tanga de lona, o *subligaculum*
- Braçadeira de metal ou algodão (*manica*) no braço que empunhava a espada
- Pequeno escudo arredondado ou quadrado (*parmula*)

Murmillo

- Capacete de bronze protegido com visor, adornado com uma crista.
- Escudo grande e retangular com pontas arredondadas (*scutum*)
- Tanga de lona (*subligaculum*) com cinto grosso
- Braceletes e tornozeleiras.
- Espada com uma lâmina larga e reta (*gladius*), com cerca de 50 cm.

Admiradores de Espártaco

- O líder rebelde cativou revolucionários, artistas e políticos -

O escritor norte-americano Howard Fast, autor do livro que deu origem ao filme *Spartacus* (1960), foi preso por suas ideias de esquerda em plena era de caça às bruxas nos Estados Unidos, conhecida como McCartismo. Mas Fast não foi o único socialista a admirar Espártaco. Karl Marx viu no gladiador um modelo para a revolução proletária. E, em 1916, Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e outros marxistas alemães fundaram a Spartakusbund (Liga Espártaco), que se opunha à entrada da Alemanha na Primeira Guerra. Já o compositor soviético Aram Khachaturian batizou de Spartacus um de seus balés, e com ele ganhou em 1959 o Prêmio Lênin, um dos mais prestigiosos da União Soviética.

"Diversos revolucionários não comunistas também admiravam o gladiador. Foi o caso de Toussaint Louverture, o herói da Revolução Haitiana - talvez a única revolução de escravos bem-sucedida da história", diz Barry Strauss. Giuseppe Garibaldi, um dos líderes da unificação da Itália e revolucionário no Rio Grande do Sul, escreveu o prefácio do romance *Spartacus*, de Raffaello Giovagnoli, que foi traduzido ao hebraico pelo militante sionista Vladimir Jabotinsky. Até mesmo Ronald Reagan, o presidente conservador norte-americano, citou Espártaco como exemplo de sacrifício e de luta pela liberdade.



Artigos do Acadêmico Marcelo Peixoto da Silva, da AHIMTB/RJ

Uma Heroína

Dona Maria Ursula de Abreu e Lencastre é o nome de nossa heroína. Nascida nas terras fluminenses era filha de João de Abreu de Oliveira, mas lamentamos não conhecermos a data de seu nascimento e o nome de sua progenitora, bem como o motivo que a levou a embarcar para Lisboa em 1770. Lá alistou-se como soldado, dando o nome de Baltazar do Couto Cardoso, escondendo sua verdadeira identidade feminina. Logo foi para a guerra na Índia onde, com imenso valor, coragem e arrojo tomou parte da vanguarda do Exército que assaltou e tomou a fortaleza de Amboino. O mesmo aconteceu quando da tomada das ilhas de Corjuem e Panelem. Novamente, nestas batalhas participou das na vanguarda do Exército Português, portando-se com galhardia inimitável e sendo a melhor espada nos campos de batalha. Convencendo seus chefes de sua competência e perícia nas artes da guerra, foi nomeada Comandante do baluarte da Madre de Deus na fortaleza de Chaul, onde continuou a prestar relevantes serviços

de guerra . Não se sabe quando revelou-se mulher aos seus companheiros de armas mas após 13 anos de excelentes serviços prestados ao exército colonial português, pediu baixa no ano de 1714 com mais ou menos 31 anos de idade. Casou-se aos 12 de maio deste mesmo ano com seu companheiro de guerra o oficial António Teixeira Arraes de Mello, governador do Forte São João Batista de Goa. O rei D. João V, para recompensar os grandes serviços desta brasileira, que tanto honrou sua terra natal e Portugal, resolveu em 1718, fazer-lhe mercê do Paço de Pangim, por seis anos, e de um serafim por dia (moeda de prata da Índia), pago na alfândega de Goa, podendo ela ainda conceder esses mesmos privilégios reais a seus descendentes ou a quem quisesse, por meio de testamento. Maria Ursula, a mulher soldado, morreu na Índia em data ignorada, onde encontra-se sepultada. Sua memória não deve ser ignorada . devemos resgatá-la e repatriar seus restos mortais com as honras devidas, bem como incluir seu nome e sua história nos anais de nossa força terrestre.

UM CANHÃO DE BOCA ELÍPTICA?

Devido aos grandes sucessos alcançados no domínio da fundição bélica no antigo Arsenal de Guerra (hoje Museu Histórico Nacional), em 1857 no mesmo arsenal, foi fundido um canhão de bronze (modelo experimental), pelo engenheiro José Francisco Barriga, tratando-se então de uma pequena peça de carregar pela boca e de alma lisa de feitura achatada, aparecendo uma saliência à sua direita que denomina-se "munhão", tratando-se de dois prolongamento cilíndricos laterais que servem de reforço para colocá-lo no

repouso, podendo-se então deslocá-lo para cima e para baixo, facilitando a pontaria. Após os "munhões", vemos no segundo reforço a Coroa Imperial, com as iniciais P.II. e a legenda ARSENAL DE GUERRA DA CORTE EM 1857, e no canto direito, dentro de um quadrado a inscrição: M.J.C.M. G.R.A .V. Porém, o curioso deste canhão é que sua boca de fogo tem a forma elíptica. Realmente uma peça singular, que ainda hoje se encontra no museu acima descrito. Vale a pena conferir e imaginar como seria sua munição.

A Heróica Resistência do Forte do Rio Formoso

Durante a guerra contra os holandeses, vários episódios heróicos aconteceram,

porém, nada de tão gloriosa memória como a história dos defensores do Forte

do Rio Formoso. O Forte era um dos empecilhos colocados diante dos holandeses que deveriam ser aniquilados. No caso, uma grande lição seria dada aos inimigos quando o coronel Van Schkoppe, no comando dos seus 500 homens, no dia 07 de fevereiro de 1633, em frente a este baluarte, comandou um ataque que logrou em fracasso, pois não apenas os homens do Forte lutaram bravamente, mas funcionaram também os dois pequenos canhões que tinham. O comandante do Forte, capitão Pedro de Albuquerque recusou a rendição à qual foram intimados, respondendo que lutariam até o último homem. Mais três violentos ataques foram desferidos contra o forte, porém sem resultado para os batavos. No entanto, no quarto e último ataque desfechado contra aquelas muralhas,

A BATALHA DAS CANOAS

Em 1565, quando Estácio de Sá fundou a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ainda na tentativa de tomar posse e expulsar os invasores franceses, travou-se uma grande e singular batalha na Baía de Guanabara. Os portugueses foram surpreendidos por 180 canoas dos franceses e seus aliados, os Tamoios. Porém do morro Cara de Cão, viu-se o perigo iminente e 30 canoas de guerra de Estácio foram lhes dar combate desigual,

A ORIGEM DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS NO BRASIL E NO MUNDO

Desde os tempos antigos da humanidade encontramos dados sobre ações anfíbias sob comando de grandes Generais, como por exemplo Júlio César, entre outros. Porém, o primeiro corpo especificamente anfíbio tem origem entre os hispânicos quando é criado o Corpo de Infantaria de Marinha

Van Schkoppe penetrou no Forte e boquiaberto verificou que seus 500 homens foram literalmente barrados três vezes por apenas um punhado de 20 heróicos soldados. O Comandante holandês comoveu-se diante de 20 homens mortos. Porém, o comandante deles ainda vivia, apesar de seriamente ferido, e ele ordenou a um soldado seu que iria tomar-lhe a espada que parasse, pois disse: "Não se toma a espada gloriosa de um herói", sendo o nosso nobre capitão socorrido e tratado com o devido respeito, e sob palavra, depois, partiu para Lisboa. Pedro de Albuquerque faleceu no cargo de governador do Maranhão, e podemos venerar seus restos mortais na igreja Nossa Senhora do Carmo em Belém do Pará.

e combatiam usando seus velhos canhões, quando uma canoa com provisão de pólvora explodiu, e por milagre as mulheres que vinham nas canoas dos Tamoios apavoraram-se e a mulher do Cacique Guaixara lançou o pânico aos outros. Alucinados, o gentio fugiu e a cidade foi salva. Seu povo Cristão atribuiu a vitória milagrosa, a São Sebastião, pois viram-no pulando de canoa em canoa, combatendo e apavorando seus inimigos.

na Espanha em 1582. Já a futura força do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil, tem seu passado mais remoto em 1618, quando é criado o Terço da Armada Real de Portugal que tinha a função de operar os canhões dos navios, abordar embarcações inimigas, etc. Porém o Terço progride, e em 28 de Agosto de 1797, por alvará de D.

Maria I de Portugal, cria-se a Brigada Real da Marinha. Então, em 7 de março de 1808 desembarca no Brasil junto com a família Real, a dita Brigada, no porto do Rio de Janeiro, pois Portugal havia sido invadido por ordem de Napoleão, e houve a necessidade da corte vir para o nosso país para melhor se proteger, e em 1º de maio de 1808, o Príncipe Regente D. João

declara guerra à França e manda invadir a Guiana Francesa, que é tomada à força de armas por esta tropa de elite. Os historiadores consideram a tomada da Guiana Francesa como o batismo de fogo do nosso atual Corpo de Fuzileiros Navais. Eis o cerne da história desta tradicional força de elite.

UM BRASILEIRO NO EXÉRCITO NAPOLEÔNICO

Caetano Lopes de Moura. Este é o nome do brasileiro que como Cirurgião do Exército Imperial serviu a Napoleão. Nascido na Bahia em 1780, sendo filho de uma pobre senhora cujo nome era Maria Teodora da Conceição. Esse menino mulato sonhou em crescer na vida, foi para França onde tentou a carreira de medicina e acabou envolvido nas guerras napoleônicas como cirurgião, onde inclusive participou da famosa batalha de Wagram. Enfim, ao terminar

sua carreira militar, voltou à vida de escritor e tradutor destacando-se imensamente, recebendo inclusive uma condecoração e pensão de D. Pedro II que muito o admirava pelo seus dotes literários. Veio a falecer na França, na época de Napoleão III como um ilustre homem de letras e médico militar, e foi enterrado num cemitério em Paris, onde em uma lápide encontramos a indicação dos restos mortais desse ilustre brasileiro: Sepulture de Moura.

DOIS BRASILEIROS EM ALCÁCER-KIBIR

Nesta famosa batalha, travada nos desertos do Marrocos, entre portugueses e mouros em 1578, lembrada como uma verdadeira epopeia militar portuguesa, morreu bravamente o jovem Rei de Portugal, D. Sebastião que, sem deixar herdeiros, passou a coroa lusitana e suas colônias (incluindo o Brasil) para as mãos de Felipe II, Rei de Espanha. Neste combate famoso e desigual, pois eram 120.000 mouros contra 12.000 portugueses, poucos sabem que estavam presentes dois brasileiros,

naturais de Olinda, Pernambuco, filhos do primeiro donatário desta capitania, Duarte Coelho. Seus nomes: Duarte e Jorge Albuquerque Coelho. Na inacreditável pugna, Jorge comandava uma linha de cavalaria que, durante a batalha viu tombar seu Rei, atingido por bala, e imediatamente desmontou e entregou seu cavalo ao soberano para que o mesmo pudesse fugir segundo seu conselho, porém o destemido Rei de Portugal assim não o fez. Seu irmão Duarte fora ferido e feito prisioneiro, como o próprio Jorge.

Os dois irmãos foram para o cativeiro feridos e justamente quando eram resgatados a peso de ouro, falece Duarte, depois de dois anos de prisão. Jorge, no entanto volta para o Brasil, para futuramente assumir a capitania que seria sua. Porém, voltou aleijado

O General Brasileiro de Bolívar

Abreu e Lima nasceu em Pernambuco em 1796. Quando no Rio de Janeiro entrou para o exército e fez o curso de Artilharia. Ao terminar seu curso, tornou-se professor da mesma, e então foi transferido para Pernambuco. Porém, de índole forte e apaixonada defendia o que o levou à prisão no forte de São Pedro. Seu pai era o padre e revolucionário José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, que sendo um dos principais da Revolução Pernambucana, fora preso e fuzilado. Revolta-do, Abreu e Lima conseguiu fugir da prisão, viajando para os Estados Unidos e após para a Venezuela, onde acabou por se alistar no exército de Bolívar, onde iniciou sua carreira de libertador. Tornou-se famoso e respeitado, e fora tão grande sua participação nas guerras Bolivarianas que recebeu o título de Libertador de Nova Granada, sendo então, membro da Ordem Militar dos Libertadores da Venezuela.

AS ORIGENS DA POLÍCIA MILITAR NO BRASIL

Por volta de 1626, o Brasil era policiado pelos Quadrilheiros, que foi a origem de um policiamento em nosso país. As quadrilhas eram formadas por 20 homens, e o chefe era aquele que mais se destacasse por suas qualidades de liderança. Porém, em 1808 chega ao Rio de Janeiro a Família Real, que se transferiu para o Brasil na tentativa de se proteger dos franceses que invadiram Portugal. Então, à 13 de maio de 1809 foi criada a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia, com

das duas pernas e apoiado por muletas. Deste nobre varão vieram outros ilustres homens de nossa história pátria. Esses dois leões brasileiros devem ser sempre lembrados na nossa história militar.

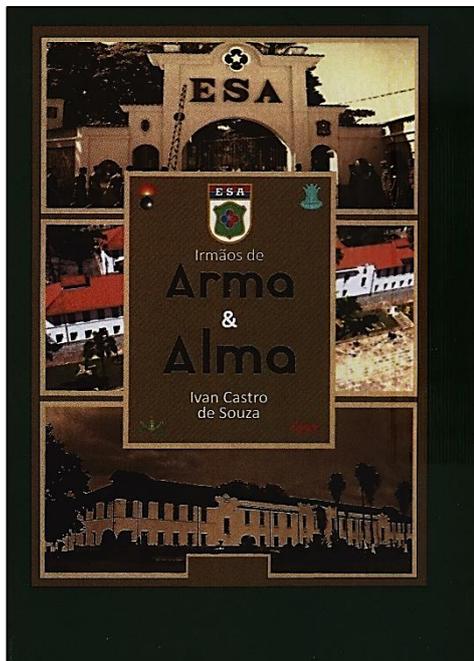
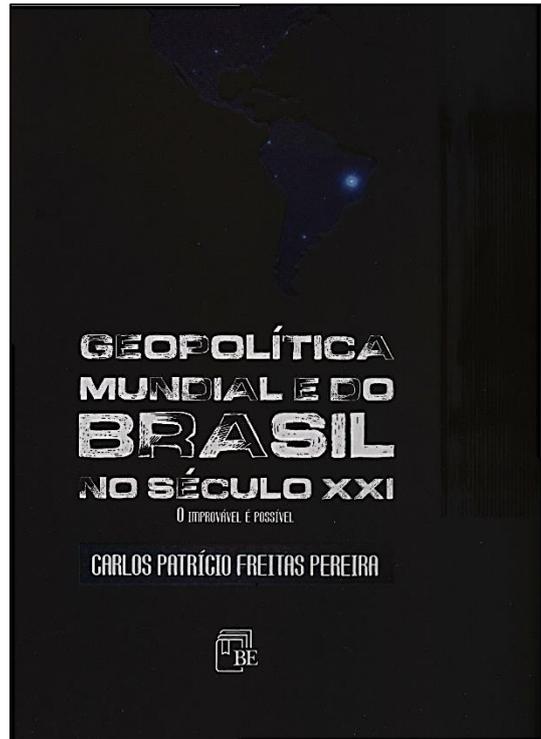
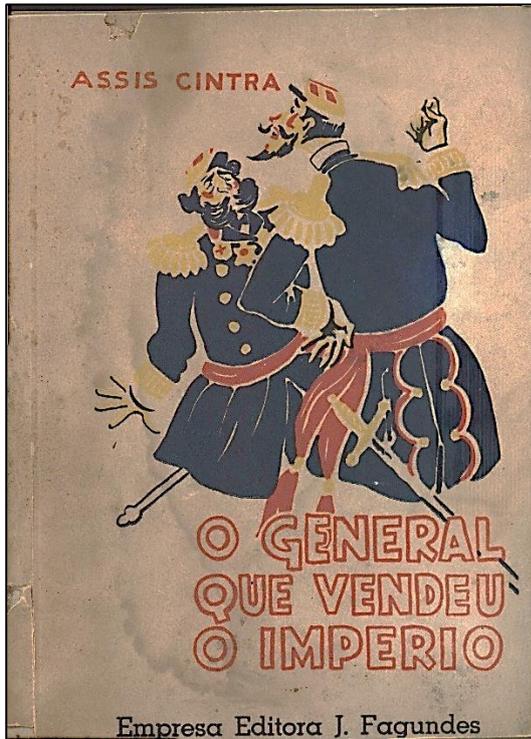
Depois de 1830 viajou por vários países, e final-mente voltou ao Brasil. Labutou como jornalista, escritor e político, e, como sempre, defendeu causas e por isso ganhou inimigos. Quando defendeu o casamento civil foi perseguido pela igreja. Abreu e Lima faleceu em 08/03/1869, e mais uma vez viu-se perseguido. A igreja impediu que o ilustre brasileiro fosse enterrado num cemitério católico. O grande libertador morreu pobre e esquecido, como ainda continua esquecido e sem ter seu nome a brilhar na constelação dos grandes vultos nacionais. O ilustre militar come-çou sua carreira no exército bolivariano como Capitão-Artilheiro adjunto ao Estado-Maior e terminou sua carreira no mesmo como General de Brigada sendo reconhecido como tal também no Brasil.

um efetivo de 218 elementos espaçados por uma Companhia de Cavalaria e três Companhias de Infantaria. D. João assinou o tal decreto de criação da dita Divisão justamente com a intenção de garantir a segurança e tranquilidade pública de uma forma geral, exatamente como nos dias de hoje. Portanto, é mais do que justo lembrar a origem dos valorosos homens que ainda hoje em dia se sacrificam para o bem de cada um de nós, nesse imenso Brasil.



LIVROS RECEBIDOS EM DOAÇÃO

A AHIMTB/RS recebeu a título de doação as obras cujas capas seguem abaixo e estão elas à disposição dos integrantes e amigos.



1) CINTRA, Assis. **O General que vendeu o Império**. São Paulo: J. Fagundes, 1936.

2) PEREIRA, Carlos Patrício Freitas, **General. Geopolítica Mundial e do Brasil no século XXI – O impossível é possível**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2018.

3) SOUZA, Ivan Castro de, **Coronel. Irmãos de Arma & Alma**. Porto Alegre: Muruci Editor, 2019.

"SENHOR, UM PALMO DE TERRA QUE SEJA, EM SENDO BRASILEIRO, DEVE SER DEFENDIDO PELOS BRASILEIROS A FERRO, A FOGO E A SANGUE!"

BARÃO DO RIO BRANCO.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE -Delegacia Heróis de Guararapes:

"<http://historiapatriota.blogspot.com/>".